

A produção canavieira numa região de agricultura diversificada. Cabo Frio, Capitania do Rio de Janeiro, 1797

SUGAR-CANE PRODUCTION IN A REGION OF DIVERSIFIED AGRICULTURE. CABO FRIO DISTRICT, CAPTAINCY OF RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1797

Heitor P. de Moura Filho *

Resumo

É sabido que se plantou cana-de-açúcar em quase todo o território brasileiro, destinada à produção de açúcar, de aguardente e para consumo direto do caldo. Os levantamentos da população e da produção econômica realizados na última década do século XVIII pela coroa portuguesa em algumas freguesias fluminenses são as fontes que mais se aproximam das listas nominativas disponíveis em grande número para as capitanias de São Paulo, incluindo o atual Paraná, e Minas Gerais. Para a capitania do Rio de Janeiro, somente foram

Abstract

It is well-known that sugar-cane was planted in almost all the territory of Brazil, destined to produce sugar, cane brandy and also for direct consumption of its juice. The censuses of population and economic activity carried out during the last decades of the 18th century and beginning of the 19th by the Portuguese crown in some parishes of the captaincy of Rio de Janeiro are the sources which come closest to the numerous nominative censuses available for the captaincies of São Paulo, including modern Paraná, and Minas Gerais. For Rio de Janeiro, these

* Do Grupo de Pesquisa Interinstitucional O Império do Brasil e a Segunda Escravidão e do Grupo de Trabalho sobre Demografia Histórica (ABEP). Doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), com mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduação em economia pela mesma instituição.

listados nominalmente os chefes de fogos. Suas famílias, agregados livres e escravos foram apenas quantificados, juntamente com indicação das terras ocupadas, do gado existente e da produção agrícola no ano anterior. Apesar de sujeitos a várias prováveis omissões e imprecisões, os dados destas fontes representam a informação mais detalhada, fogo a fogo, sobre o território fluminense em todo o período escravista. Analisamos o *Mappa geral dos fogos, população, engenhos, fabricas, gados e rendimento anual pertencente ao distrito de Cabo Frio* [1797], que permite importantes conclusões sobre a composição desta população e suas atividades econômicas.

Palavras-chaves: Agricultura de subsistência; Composição de famílias; Escravidão; Açúcar e álcool; Alimentação.

censuses only listed nominally the heads of hearths. Their families, non-family free residents and slaves were only counted, together with information on land occupied, existing cattle and agricultural production of the previous year. Despite suffering from many very probable omissions and imprecisions, these sources represent the most detailed information, hearth by hearth, available for Rio de Janeiro during slavery. We analyze the *Mappa geral dos fogos, população, engenhos, fabricas, gados e rendimento anual pertencente ao distrito de Cabo Frio* [1797], which authorizes important conclusions about its population and economic activities.

Keywords: Subsistence agriculture; Family composition; Slavery; Sugar and alcohol; Foodstuffs.

e do Carmo) e um terceiro uma grande fazenda sem referência a família ou ao estado civil do chefe, o que sugere ser absenteísta seu proprietário. Este, o capitão-mor Brás Lemos, teria 111 escravos, sendo o quarto maior possuidor de cativos da região. Infelizmente, além da anotação de que dispunha de uma das maiores extensões de terra (duas léguas),⁴ não há qualquer indicação da produção econômica na qual trabalharia seu grande plantel. Este tipo de omissão se repete ao longo do *Mappa*, fazendo com que nem todos os fogos constem com terras, animais ou produção. Dos 1.539 fogos, há indicação de crianças em 1.008 (65,5%), de escravos em 835 (54, 3%), de área de terra em 721 (46,8%), de gado em 163 (10,6%), de equinos em 553 (35,9%) e de algumas forma de produção em 875 (56,9%); 31 unidades aparecem como plantando cana de açúcar, sendo 9 produzindo açúcar e aguardente, 17 produzindo somente açúcar e 5 produzindo somente aguardente. Apesar de muitos fogos não terem terras relevantes ou escravos, sendo certa a existência de omissões e imprecisões nas quantidades anuais de produção, procuramos indicadores analíticos para subconjuntos de fogos que apresentem coerência comparativa entre si.

Gráfico 2. *Mappa* geral. Blocos de tipos de dados.

Número	Nome	Estado Civil	Número de Crianças		Escravos	Área de Terra	Gado	Equinos	Produção de Açúcar e Aguardente		Produção de Anil		Produção de Alimentos		Outros Produtos
			Até 10 anos	Acima de 10 anos					Açúcar	Aguardente	Anil	Alimentos	Outros		
157	Antonio de Almeida	solteiro	1	2	19	1	2	14	17	2	1	2	1	1	1
158	Antonio de Almeida	casado	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
159	Antonio de Almeida	solteiro	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
160	Antonio de Almeida	casado	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
161	Antonio de Almeida	solteiro	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
162	Antonio de Almeida	casado	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
163	Antonio de Almeida	solteiro	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
164	Antonio de Almeida	casado	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
165	Antonio de Almeida	solteiro	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

A – Referência numerada para cada fogo. | B – Nome e, em alguns casos, qualidade do chefe do fogo. | C – Indicação se o chefe do fogo era solteiro, casado ou viúvo. | D – Número de crianças na família (para cada sexo, aqueles até 10 e aqueles acima de 10 anos). | E – Número de escravos no fogo (para cada sexo, os “grandes” e os “pequenos”). | F – Número de agregados livres ao fogo. | G – Área de terra disponível para o fogo. | H – Quantidade de gado (bois e vacas separadamente). | I – Quantidade de equinos (cavalos, éguas e outros separadamente). | J – Produção de açúcar e de aguardente. | K – Produção de anil. | L – Produção de alimentos (farinha, feijão, arroz e milho). | M – Produtos de barro cozido (telhas e tijolos).

Para uma avaliação historiográfica do *Mappa* como fonte, devemos ter claro, em primeiro lugar, que as atividades econômicas nele relacionadas representavam somente parte do conjunto de atividades de subsistência e comerciais da região. Esta população de Cabo Frio ao final do setecentos de fato sobrevivia principalmente com os alimentos brasileiros usuais – farinha de mandioca, feijão, arroz e milho. Embora o levantamento mostre somente

gado e equinos, é certo que todas as famílias devam ter mantido galinhas e, talvez com menor frequência, porcos, além de plantas frutíferas, entre as quais a bananeira seria por certo onipresente. Sendo uma região costeira, a pesca complementava a dieta geral, quando não fosse dominante para muitas famílias. Além das poucas atividades de cunho mais diretamente comercial registradas no *Mappa* (gado, açúcar, aguardente, anil e olarias), a *Relação do Marquês do Lavradio* (1778) menciona a existência no porto de Cabo Frio de 20 barcos de pesca, 11 para transporte de madeiras e 6 para transporte de mantimentos.

É interessante notar que a produção de açúcar e aguardente, embora concentrada em relativamente poucas unidades (só 2% do total), deveria ser em grande parte consumida localmente, além de constituir produção de importante valor comercial. Pelo levantamento do *Mappa*, destacam-se o plantio e, possivelmente, o preparo do anil. A presença, nesta época e região, de agricultores dedicados a este cultivo demonstra a abrangência da política de fomento da cultura do anil levada adiante pela administração real durante as últimas décadas do século XVIII até o início do oitocentos. Este incentivo se valeu essencialmente da fixação de um preço pelo qual a Coroa compraria o produto de qualquer fabricante, apesar da frequente ocorrência de falta de espécie para cumprir com este compromisso real.⁵ Outra atividade econômica de consumo local generalizado foi o fabrico de telhas e tijolos em olarias, ao qual se teriam dedicado somente 18 unidades.

A POSSE DE ESCRAVOS

Um pouco mais da metade dos fogos listados no *Mappa* (837, equivalente a 54% do total) incluíam escravos. Estes cativos se distribuíam de modo diferenciado conforme a composição de cada famílias. As instituições, isto é, os dois conventos e uma “aldeia” [de índios] (esta considerada como um único fogo), tinham 4,4 vezes mais cativos do que as famílias, com uma média de 14,4 escravos cada, em comparação aos 3,2 cativos por família. Curiosamente, ao computarmos separadamente dos homens solteiros, os 15 fogos cujos chefes estão registrados como “padre”, vemos que todos estes eram proprietários escravistas e que dispunham de planteis bem mais numerosos que aqueles dos demais homens solteiros e dos demais fogos. Tinham em média 15,5 escravos cada.

As mulheres solteiras eram os chefes de fogos com menor número de escravos, com média geral de 1,9 escravos cada uma, enquanto os casais tinham média de 3,3 cativos por fogo e os homens solteiros tinham em média 5,0 escravos cada. Se considerarmos somente os possuidores de escravos (tabela abaixo), as mulheres (54% do total de mulheres solteiras ou viúvas)

tinham 4,2 cativos cada; os casais (52% do total de casais) tinham 6,3 escravos cada; e os homens (67% do total de homens solteiros ou viúvos) tinha 7,6 escravos cada.

Tabela 1. Número de escravos por fogo, segundo o sexo e estado civil do chefe.

	Número de fogos	Escravos por fogo	sendo	
			adultos	crianças
Padres	15	15,5	12,9	2,6
Instituições	3	14,3	10,3	4,0
Homens solteiros, excluídos os padres	100	5,0	3,4	1,6
Homens viúvos	89	3,5	2,7	0,8
Casais	1.083	3,3	2,5	0,8
Mulheres viúvas	203	2,4	1,7	0,7
Mulheres solteiras	45	1,9	1,2	0,7

Nota: O número de escravo por fogo é calculado considerando todos os fogos listados. Excluída a fazenda do proprietário absenteísta, sobre cujo estado civil e família não há informação. Fonte dos dados: *Mappa geral*. Nossa classificação.

Ao avaliarmos a proporção de crianças cativas em cada grupo, vemos que os padres tinham a menor proporção média de crianças (17%), os casais, homens e instituições ficavam em posição intermediária, com cerca de 26%; as viúvas, com 30% de crianças cativas; e as mulheres solteiras, com a maior proporção de crianças, 37%. Vemos estes indicadores que relacionam o tipo de chefe de fogos com a composição familiar dos escravos como importante sugestão de pesquisa para estudos monográficos, em qualquer região do Brasil escravista.

A razão de sexo entre escravos, para todos os fogos com escravos, era de 1,40 homens cativos adultos para cada escrava adulta, uma proporção não incomum para regiões agrícolas escravistas. Este mesmo indicador para as crianças cativas, no entanto, apresenta-se em valor próximo, com 1,38 meninos por menina, excessivamente alto para uma população fechada a migrações nesta faixa etária. A conclusão é que, com grande probabilidade, terá havido subregistro de meninas cativas.

A tabela a seguir mostra as razões de sexo por tipo de chefe do fogo. Vemos que os indicadores referentes a crianças apontam para subregistro de meninas cativas em todos os tipos de fogos, à exceção daqueles chefiados por mulheres solteiras, nos quais teria ocorrido situação inversa ou teria havido alguma “seleção” de meninas em preferência a meninos, possibilidade

estatística dada a quantidade relativamente pequena de fogos na categoria. Parte da altíssima razão de sexo de crianças nos fogos chefiados por homens solteiros pode ter ocorrido através de processo semelhante, neste caso favorável à presença de meninos.

Tabela 2. Número de escravos por fogo, segundo o sexo e estado civil do chefe.
Cálculos somente com os fogos registrados com escravos.

	Número de fogos escravistas	Escravos por fogo	sendo	
			adultos	crianças
Padres	15 (100%)	15,5	12,9 (83%)	2,6
Instituições	3 (100%)	14,3	10,3 (72%)	4,0
Homens solteiros, excl. padres	78 (78%)	9,4	6,8 (73%)	2,6
Casais	562 (52%)	6,3	4,7 (75%)	1,6
Mulheres viúvas	110 (54%)	4,4	3,1 (71%)	1,3
Mulheres solteiras	25 (56%)	3,5	2,2 (63%)	1,3
Homens viúvos	114 (66%)	2,7	2,1 (77%)	0,6

Nota: Na coluna do número de fogos, indicamos a percentagem de fogos escravistas relativamente ao total de fogos. Na coluna de escravos adultos por fogo, a percentagem representa o número de adultos por fogo com relação ao total de escravos por fogo. Excluída a fazenda do proprietário absentista, sobre cujo estado civil e família não há informação. Fonte dos dados: *Mappa geral*. Nossa classificação

Tabela 3. Razão de sexo entre escravos, segundo o tipo do chefe do fogo.

	Número de fogos com escravos	Escravos adultos	Escravos crianças
Homens solteiros	78	2,43	1,89
Padres	15	2,39	1,79
Homens viúvos	59	1,49	1,50
Casais	562	1,28	1,30
Mulheres viúvas	110	1,16	1,41
Mulheres solteiras	25	0,77	0,78

Fonte dos dados: *Mappa geral*. Nossa classificação.

Em combinação com as dificuldades de interpretação decorrentes de possíveis subregistros, estes indicadores mostram ter havido clara preferência por escravos masculinos ou por femininos, conforme as características dos chefes de fogos. Nos fogos de homens solteiros, havia 2,43 escravos adultos por escrava adulta. Nos fogos de mulheres solteiras, ao contrário, havia 29% mais mulheres que homens escravos.

A COMPOSIÇÃO DAS FAMÍLIAS

Ao analisarmos a composição das famílias, isto é, quais eram as características do chefe do fogo e quantos filhos foram registrados, vemos que os casais compunham a expressiva maioria dos fogos (70,6%), seguidos pelos fogos chefiados por mulheres (16,1%), das quais 13,2% eram viúvas e somente 2,9% solteiras. Os fogos chefiados por homens sozinhos representavam 12,3% do total de fogos, sendo 6,5% de solteiros e 5,8% de viúvos.

Tabela 4. Número de filhos por fogo, segundo o sexo e estado civil do chefe.

	Número de fogos	Filhos por fogo	sendo	
			até 10 anos	> 10 anos
Casais	1.083	2,1	1,6 (74%)	0,5
Mulheres viúvas	203	2,1	0,9 (42%)	1,2
Homens viúvos	89	1,4	0,7 (52%)	0,7
Mulheres solteiras	45	0,5	0,3 (57%)	0,2
Homens solteiros	100	0,2	0,1 (56%)	1

Fonte dos dados: *Mappa geral*. Nossa classificação.

O número médio de filhos nos fogos de casais (2,1 filhos/fogo) é baixo para a época, o que parece indicar ter ali atuado uma combinação de fatores, como alta mortalidade de crianças pequenas, baixa natalidade em geral e/ou saída de casa dos jovens em idade relativamente baixa, além, é claro, do subregistro de crianças nas primeiras idades, omissão com alta probabilidade de ocorrência nesta época. As viúvas apresentam a mesma média de filhos que os casais, fato compreensível, se supusermos que os maridos tenham morrido após ter nascido o que poderíamos chamar de “o último filho esperado”.

Em ordem decrescente do número de filhos, aparecem em seguida os viúvos, com média de 1,4 filhos. Este menor número do que o das viúvas pode ser explicado pela morte da mulher ainda em idade fértil, antes do casal ter concebido seu “último filho esperado”. Seguem-se os solteiros, tendo as mulheres em média 0,5 e os homens 0,2 filhos, proporções relativas coerentes. A tabela acima mostra esses dados, com abertura do número de filhos, por idade, se até 10 anos ou mais velho.

Indicamos também a proporção que as crianças até 10 anos representam no total de filhos de cada grupo. Vemos que esta é maior entre casais e menor entre as viúvas, proporções explicáveis por ser provável terem-se tornado viúvas com seus filhos já crescidos.

Ao examinarmos as razões de sexo dos filhos, para os quais há indicação de sexo, as crianças livres até os 10 anos aparecem na proporção de 1,10 meninos por menina, valor ligeiramente alto, porém possível numa população fechada à migração nesta faixa etária. Adicionalmente, pode ter ocorrido alguma subenumeração de meninas livres nas primeiras idades. Para os filhos maiores de 10 anos, no entanto, calculamos razão de sexo de 0,69 homens por mulher, que – cremos – deve ser interpretada como indicando que muitos filhos homens saíam de casa ainda adolescentes. A interpretação alternativa – possivelmente combinada com a primeira causa – implica o subregistro deste grupo, mais provavelmente por fuga a eventuais alistamentos, fato frequentemente encontrado no sul do Brasil, mas que poderia certamente ter-se dado em Cabo Frio.

O USO DA TERRA

Se somarmos as áreas atribuídas aos 718 fogos com anotação de terras, chegamos a um total de cerca de 483.000 hectares. Na figura abaixo, demarcamos na região de Cabo Frio um polígono hipotético com esta área total. Vê-se que ocupa praticamente a totalidade da região que teria sido recenseada, da costa à serra do Mar e de Saquarema a perto de Macaé. Apesar de a área poligonal incluir grandes extensões de lagoas e de serras, podemos supor que os registros do *Mappa* tenham correspondido, com uma precisão aproximada, à totalidade da área do Distrito de Cabo Frio da época.⁶

Na tabela a seguir, resumimos os principais indicadores que combinam posse de terra e tipo de composição familiar. Devemos destacar que dois terços das terras da região era usada por casais (coluna A), enquanto eram os homens solteiros que dispunham das maiores glebas médias, 1.183 ha/fogo (coluna C).⁷ É interessante ver que mesmo as mulheres solteiras tinham em média (739 ha/fogo) terras mais extensas do que casais e viúvos em geral.

Dentro de cada grupo demográfico (coluna B), a disponibilidade ou não de terras encontrava-se aproximadamente distribuída entre casais e homens viúvos, enquanto somente cerca de 40% das mulheres sozinhas, solteiras ou viúvas, dispunham de terras. Entre os religiosos seculares, 60% eram “proprietários”.

Gráfico 3. Polígono hipotético, na região de Cabo Frio, com área equivalente à área total anotada no Mapa (cerca de 483.000 ha). Mapa: Google Earth.

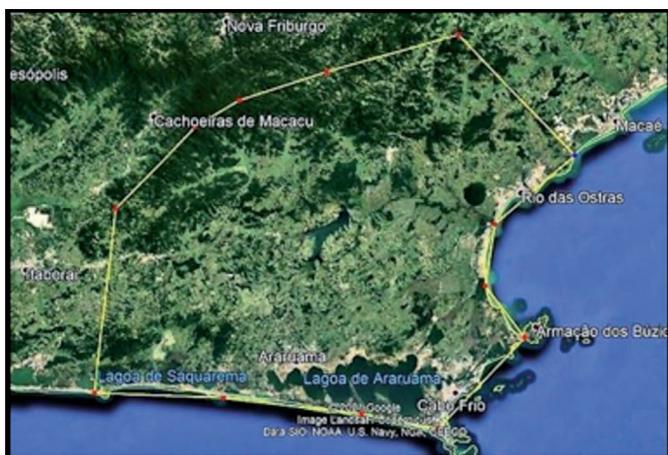


Tabela 5. Área de terra por fogo, segundo o sexo e estado civil do chefe.

	% da área total de terras com cada grupo [A]	Fogos com terras como percentual do número de fogos de cada grupo [B]	Hectare por fogo, somente entre os fogos com terra [C]
Casais	66,9 %	47,2 %	630
Homens solteiros	13,7 %	56,0 %	1.183
Mulheres viúvas	9,0 %	41,9 %	508
Homens viúvos	6,1 %	51,7 %	639
Mulheres solteiras	2,8 %	40,0 %	739
Padres	1,6 %	60,0 %	834

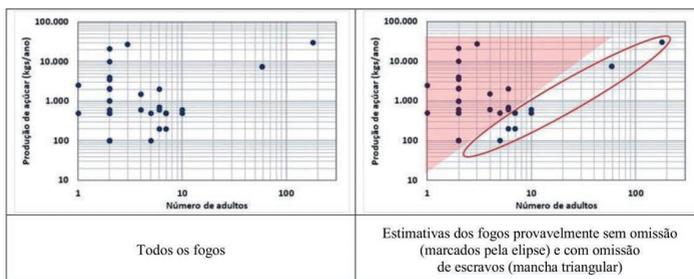
Fonte dos dados: *Mapa geral*. Nossa classificação.

A PRODUÇÃO CANAVIEIRA

Só 37 unidades foram registradas como plantando cana de açúcar, sendo 12 produzindo açúcar e aguardente, 21 produzindo somente açúcar e 4 produzindo somente aguardente. Infelizmente, as informações sobre os produtores de açúcar parecem conter importantes omissões no registro de escravos: muitos engenhos com produção foram anotados como não possuindo escravos. Com referência aos produtores maiores, isto é certamente indicativo de omissões. Com referência aos produtores de menores quantidades, a presença de adultos livres (o próprio chefe do fogo, seus filhos maiores de 10 anos e agregados) deve ser levada em conta, pois sua força de trabalho poderia complementar ou mesmo substituir integralmente a do trabalho forçado.

No gráfico abaixo, à esquerda, vemos, para cada fogo, as combinações de número de adultos, tanto livres, como cativos (no eixo horizontal), associado à produção anual de açúcar da unidade (no eixo vertical) (Gráfico 4). Embora de maneira muito aproximada, fica claro que, em grande parte desses fogos canavieiros, terá havido omissão no registro de escravos, pois há fogos com produção muito superior à proporcionalidade esperada entre força de trabalho e produção. À direita, repetimos este gráfico, marcando sobre ele dois conjuntos de combinações: (a) os fogos para os quais as anotações do *Mappa* indicam situações prováveis de proporcionalidade entre força de trabalho e produção (assinaladas pela elipse); e (b) aqueles para os quais, estando correta a anotação do açúcar produzido, seria preciso maior força de trabalho – no caso, maior número de escravos – para que se mantivesse uma proporcionalidade plausível (assinalados pela mancha triangular).⁸

Gráfico 4. Fogos canavieiros, segundo sua combinação de número de adultos e produção anual de açúcar (escalas logarítmicas)



Dos 16 produtores de aguardente, 12 também produziam açúcar. Os 7 maiores produziam ambos os produtos em quantidades importantes, porém em proporções bastante diversas, Desde 0,86 até 3,91 quilos de açúcar

por litro de aguardente. Se considerarmos a produção conjunta de açúcar e de aguardente, podemos chegar a estimativa possivelmente mais precisa do número de escravos que teriam sido omitidos do censo. Enquanto acima, somente com base na produção de açúcar, calculamos que teriam sido omitidos 220 escravos, agora, com base na produção tanto de açúcar como aguardente, chegamos a um total revisto de cerca de 680 escravos omitidos, isto é, mais de 60% do número total de escravos existentes na região teriam sido omitidos deste censo.⁹

Fizemos ainda uma terceira estimativa do número total de escravos com base na produção conjunta de açúcar e de aguardente, porém com parâmetros para a relação força de trabalho–produção calculados a partir de 13 unidades descritas individualmente na *Relação do Marquês do Lavradio* (1778), das quais 5 engenhos de açúcar que também produziam aguardente¹⁰ e 8 engenhocas de aguardente. Este procedimento apontou um total de 436 escravos omitidos do censo, número correspondente a 51% da população cativa estimada, o que reputamos mais provável do que a quantidade maior. De um modo ou de outro, cremos que – somente com relação às unidades canavieiras – fica bem caracterizada a omissão de grande número de escravos no levantamento do *Mappa*.

A produção de açúcar registrado no censo é de 124 toneladas métrica por ano. Ou seja, se supusermos um consumo de um quilo por mês por adulto e de 500 gramas por criança livre e escravos adulto, incluindo os 436 que, em nossa terceira estimativa, supomos não terem sido registrados, chegamos a um consumo local de 65 toneladas, o que ainda teria deixado excedente comerciável de 59 toneladas por ano. Considerando os hábitos portugueses de se comerem doces (com muito açúcar) diariamente, cremos ser conservadora esta estimativa de consumo, tendo provavelmente sobrado menor quantidade comercializável.

OUTRAS PRODUÇÕES

Cerca de um quinto dos fogos se dedicavam ao plantio e preparo do anil. Entre os 31 fogos canavieiros, proporção ligeiramente maior (26%) também se dedicava ao anil. É interessante notar que a produção média de anil (somente entre os fogos com alguma produção) de fogos com escravos (36,7 kg/ano) era pouco maior (15%) do que a dos fogos sem escravos (32,0 kg/ano), embora a dos homens solteiros (52,9 kg/ano) fosse bastante superior (107%) à dos fogos dos homens viúvos, o grupo com menor produção, com 25,6 kg/ano.

Em contraste ao anil, pelo menos metade de todos os fogos se dedicavam a plantar mandioca e fazer farinha (53%). Por tipo de fogo, a menor participação nesta atividade econômica era a das mulheres solteiras (44,4%) e a maior

a das viúvas (55,7%). As demais culturas de alimentos anotados no censo (feijão, arroz e milho) eram cultivados numa proporção um pouco menor dos fogos (42%), sendo os fogos de mulheres solteiras também aqueles com menor participação (31,1%) e aqueles chefiados por padres, os com maior (46,7%). Dos 31 plantadores de cana-de-açúcar com produção anotada, em 29 (94%) também se plantavam farinha e outros alimentos. Dos proprietários de gado, 71% também produziam farinha e 66% outros alimentos.

As poucas olarias (18) eram negócios de casais (12 casais e 3 viúvas), que concentravam 92% da produção. Quase todas (88%) também produziam farinha e outros alimentos. Entre os plantadores de cana, 23% também possuíam olarias.

Mesmo sabendo que houve atividades econômicas que não foram anotadas neste censo, entre os quais os transportes marítimo e terrestre, a pesca, o corte de madeira, a criação de pequenos animais e o plantio de árvores frutíferas, podemos analisar o conjunto dos fogos que não estão associados a nenhuma atividade como um indicador de possíveis omissões de informação econômica. Encontramos 510 fogos sem anotação de atividades econômicas, sendo que, desses, 158 compreendiam 5 adultos (livres ou cativos) ou mais. Muitos desses fogos poderiam incluir adultos que prestassem serviços a produtores recenseados, mas é pouco crível que uma casa com 5 ou mais adultos não tivesse qualquer produção de subsistência ou comercial. Noutro raciocínio análogo, vemos que havia 209 fogos (32% do total sem produção de alimentos) com pelo menos 5 adultos, entre livres e escravos, que não produziam alimentos.

CONCLUSÕES

O *Mappa geral* registrou uma população bem estabelecida na região, com 90% dos fogos compostos por casais ou viúvos, e com provável alta natalidade, constando crianças em dois terços dos fogos. Apesar disso, era relevante a participação de homens solteiros na vida econômica na região, pois estes eram proprietários de cerca de 14% das terras, tendo cada um em média o dobro da área ocupada por casais. Pouco mais de metade dos fogos eram proprietários de escravos, porém havia somente 4 senhores com mais de 100 cativos (representando menos de 16% dos total de escravos), tendo os demais proprietários de escravos em média 3,2 cativos (com mediana de 3,0), incluindo crianças cativas (26% do total de cativos), havendo entre eles maior número de homens adultos do que de mulheres adultas. A atividade econômica girava essencialmente entre torno de produtos para alimentação, sendo provavelmente pequeno o excedente comerciável, seja de alimentos, seja de açúcar e aguardente ou mesmo das manufaturas de olarias. O principal

produto com destino exclusivamente comercial era o anil, plantado por 22% dos fogos e que seria vendido para o governo real. Estas as informações que constam do *Mappa*; o que podemos inferir sobre as informações omitidas?

Este censo constitui fonte preciosa sobre grande variedade de informações demográficas e econômicas da região de Cabo Frio ao final do século XVIII. Apesar de incluir as principais atividades comerciais, deixou de recensear numerosas ocupações de subsistência e de ganho comercial. Além do mais, uma análise mais detalhada baseada na coerência interna de seus dados revela omissões praticamente certas: (a) no número de escravos registrados nas unidades produtoras de açúcar e/ou aguardente; (b) na quantidade de crianças cativas; e (c) no registro de atividades econômicas, possivelmente com maior incidência entre os fogos recenseados com 5 adultos ou mais, considerando tanto pessoas livres quanto cativas. Teria havido, também, subregistro mais provável entre meninas escravas e mesmo entre as livres mais jovens. Com as informações do número de escravos e da produção em engenhos constantes do relato para o Marquês do Lavradio, pudemos apurar uma estimativa do número de escravos possivelmente omitidos nas unidades plantadoras de cana. Vemos esta metodologia comparativa com várias fontes como caminho relevante para avaliar a precisão e completude dos dados deste censo.

De todo modo, a grande importância historiográfica do *Mappa* e de sua exegese quantitativa ficam reafirmadas pelo fato de que, afora levantamentos pontuais com base em inventários *post mortem* de proprietários falecidos no século seguinte, a próxima fonte cronologicamente disponível para historiadores com informações demográficas e econômicas sobre Cabo Frio (assim como sobre outras regiões recenseadas pela coroa portuguesa na mesma época) será o Recenseamento do Brasil em 1920, mais de 120 anos depois.

NOTAS

- ¹ Texto apresentado ao *VII Congresso Internacional de História do Açúcar*, realizado online de 22 a 25 de junho 2021.
- ² Para as capitanias de São Paulo, que então incluía o atual Paraná, e de Minas Gerais, houve numerosos levantamentos nominativos, cobrindo a última década do setecentos e as primeiras três do século XIX. Para o Rio de Janeiro, estes somente foram realizados em 1797 (2 vilas e 8 freguesias), 1799 (6 na região de Campos) e 1804 (3 vilas e 5 freguesias). Cf. Moura Filho (2020: 487-488).
- ³ Em 1778, o Distrito de Cabo Frio compreendia as freguesias de N.S. da Assunção de Cabo Frio, N.S. de Nazaré de Saquarema e as aldeias de São Pedro e da Sagrada Família do Ipuca. Em 1821, este distrito incluiria as freguesias de N.S. da Assunção de Cabo Frio, N.S. de Nazaré de Saquarema, N.S. da Lapa de Capivari,

São Sebastião de Araruama e a aldeia de São Pedro, cujo recenseamento em 1797 aparece em separado do restante de Cabo Frio e não foi estudada aqui.

- 4 Aproximadamente 8.700 hectares. Empregamos as referências sobre equivalência de medidas em Sauer (s/d).
- 5 Sobre este curto período de incentivo à produção de anil, ver Pesavento (2005) e Oliveira (2017).
- 6 O *Mappa* registra áreas de terra seja em “léguas”, que consideramos corresponder a 4.356 hectares (=6.600m×6.600m/10.000m²), seja em “braças”, que convertemos a 4,84 metros quadrados por braça.
- 7 Podemos supor que os recenseados com terras tenham sido sesmeiros, herdeiros, inventariantes, arrendatários ou posseiros suficientemente “estabelecidos” para terem suas terras registrados no censo.
- 8 Fizemos uma primeira estimativa do número de indivíduos necessários para produzir a quantidade de açúcar registrada (desconsiderando a produção de aguardente), chegando a um total de 632 pessoas, em comparação com as 412 recenseadas, entre livres e escravos. Supondo que não teria havido omissão de livres, chegamos ao total de 220 escravos não registrados no *Mappa*, ou seja, 54% do número efetivamente recenseado. Esta estimativa foi calculada pela fórmula: $P = \exp [(\ln(A) - 3,6135) / 1,431]$, onde P= número de indivíduos trabalhando e A=quilos de açúcar produzidos por ano, sendo os parâmetros determinados por regressão das combinações relevantes. Esta fórmula determina uma relação entre força de trabalho e produção anual um pouco mais eficiente que aquela representada pelos fogos marcados na elipse, isto é, subestimamos o número de trabalhadores necessários.
- 9 Esta estimativa se baseou em indicador da produção canavieira conjunta igual a $I=A/3 + C/2,5$, sendo A a produção anual de açúcar (em quilos) e C a produção de aguardente (em litros), que decorre de possível relação técnica entre a produção dos produtos e a de cana. O número de trabalhadores foi calculado como $P = \exp [(\ln(I)-1,7835) / 1,5312]$, tendo esses parâmetros sido obtidos a partir de regressão do número de adultos relativamente ao indicador de produção.
- 10 Esta terceira estimativa se valeu do mesmo indicador de produção conjunta, sendo o número de trabalhadores livres e cativos calculado como $P = \exp [(\ln(I)-2,5244) / 1,4429]$, sendo os parâmetros obtidos a partir de regressão do número de adultos relativamente ao indicador de produção, que, no conjunto, apresentaram melhor coeficiente de regressão do que as unidades do *Mappa*.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

Relação das declarações que manda fazer o Illmo. e Exmo. Sr. Marquez do Lavradio

Vice-Rey do Estado, no destrito de Cabo Frio [1778]. In: Relações parciaes apresentadas ao Marquez de Lavradio. Revista do IHGB, 76 (1), 1913.

Mappa geral dos fogos, populações, engenhos, fábricas, gados e rendimento anual pertencente ao distrito de Cabo Frio [1797]. Projeto Resgate. AHU-Rio de Janeiro, cx.165, doc.62.

FONTES SECUNDÁRIAS

MOURA FILHO, Heitor P. (2020): “Demografia histórica do Rio de Janeiro na segunda escravidão”. Tese Doutorado em História, PPGH-UNIRIO. Disponível em [<https://www.researchgate.net/publication/349533916>].

OLIVEIRA, Victor Luiz A. (2017): “O último meio de se poderem aumentar os gêneros e o comércio nestas conquistas”: lavradores, vice-reis e o fomento econômico no Rio de Janeiro colonia”. In: *XII Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas*, ABPHE, Niterói.

PESAVENTO, Fábio (2005): “O azul fluminense: Um estudo sobre o comércio do anil no Rio de Janeiro colonial, 1749-1818”, *Econômica*, 7 (1), pp. 207-231. DOI: [<https://doi.org/10.22409/economica.7i2.p169>].

SAUER, Arthur (s/d): *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Indicador para 1900*, Rio de Janeiro, Editora Tipográfica do Brasil.